



**ENCONTRO NACIONAL DE PROGRAMAÇÃO DOS
CONSELHOS DIOCESANOS C.V.S. DE ITÁLIA
(ano pastoral 2005-2006)
Valleluogo (Av) 10 – 11 de Setembro e Re (Vb) 15 – 17 de
Setembro**

Delegado nacional, Paolo Corridori

Jesus caminhava sobre as águas e Pedro estava com ele «Imediatamente depois ele obrigou os discípulos a embarcarem e a irem adiante para a outra margem enquanto ele despedia as turbas. Despedidas as turbas, retirou-se para o monte, a orar. Ao cair da noite, estava ali sozinho. Entretanto, o barco já muito afastado da terra, era fustigado pelas ondas, porque o vento era contrário. Na quarta vigília da noite, veio Jesus ter com eles, caminhando sobre o mar. Os discípulos, vendo-o caminhar sobre o mar, assustaram-se, pensando que fosse um fantasma. E gritaram de terror. Mas logo Jesus lhes dirigiu a palavra, dizendo: “Tende confiança! Sou eu, não temais!” Respondeu-lhe Pedro: “Senhor, se és tu, ordena que eu vá ter contigo, por cima das águas”. “Vem”, disse-lhe. E Pedro, saltando do barco, começou a andar sobre as águas, e chegou perto de Jesus. Vendo, porém, o vento forte, amedrontou-se: e, começando a afundar-se, gritou: “Senhor, salva-me!” E Jesus estendendo-lhe imediatamente a mão, segurou-o e disse-lhe: “Homem de pouca fé, porque duvidaste?” » (Mt 14,22-31)

Gosto de iniciar esta minha intervenção a partir deste texto do Evangelho de Mateus, porque nele vejo um pouco resumida toda a minha vida e a minha experiência de cristão e de membro do CVS; mas, também porque, eu aqui leio o desejo de retomar a nossa vida para seguir Jesus, mesmo naqueles desafios que nos parecem mais ousados, seguros de que não estamos sós, porque Jesus está sempre ao nosso lado mesmo quando a nossa fé vacila, basta simplesmente pensar nele, e ele está ali ao nosso lado que nos estende a mão e nos agarra.

Tudo está afinal pronto, o caminho traçado com clareza, estamos a viver o sonho que o nosso Padre fundador guardou no seu coração: «a união mundial dos que sofrem», que arrancou oficialmente com a aprovação por parte do Conselho Pontifício dos Leigos da Confederação Internacional do CVS e nestes dias se torna realidade. É mesmo isto que deve responsabilizar-nos ulteriormente, fazendo-nos viver com clareza e totalidade o nosso ser cristãos e membros do CVS.

Na Assembleia nacional de delegados regionais, de Maio passado, foi percorrida a história dos últimos cinco anos de actividade, que foram fundamentais para a vida da nossa associação, porque marcaram, uma mudança de mentalidade, que partindo com a adopção do novo Estatuto de 1998, com o qual os CVS diocesanos se tornaram autónomos, com a possibilidade de se constituírem também civilmente; assistimos ao nascimento da figura do Delegado nacional e à constante valorização do plano regional. Sem dúvida, o que contribuiu para nos tornar todos mais responsáveis, começamos pouco a pouco a perceber que não depende tudo da Direcção Geral de Roma, mas que certas escolhas programáticas somos nós a fazê-las directamente, seja a nível Diocesano, Regional ou Nacional, assumindo as responsabilidades que daí derivam.

Creio que este assumir dos destinos, o leme, da nossa vida de cristãos, torna-se hoje cada vez mais importante, aqui, mesmo a nível de responsáveis, de pilotos de um barco, o Centro Voluntários do Sofrimento, somos chamados a sentir cada vez mais a nossa responsabilidade de líder. Nós somos os guardiães do Carisma, nas nossas responsabilidades e nas realidades em que nos encontramos a trabalhar.

Daí a autonomia dos Responsáveis diocesanos e dos seus Conselhos, das Assembleias regionais e das nacionais que nestes anos, sobretudo graças a esta mudança de mentalidade, tiveram sempre cada vez mais um papel central na actividade de programação do apostolado, aos níveis correspondentes, em Itália; estas autonomias e estas funções, juntamente com a tomada de consciência de que o Carisma associativo é o nosso estilo de vida, devem necessariamente crescer.

O papel do Responsável e do seu Conselho diocesano, no que respeita a orientação do apostolado na diocese, bem como o de Delegado ou Referente regional, tornam-se evidentes e determinantes no que respeita a actividade de promoção do apostolado, sobretudo, nas realidades diocesanas nas quais não estão ainda presentes. É também aqui um apostolado de conquista e neste contexto é importante que os diversos planos diocesanos, regionais e nacionais se integrem e encontrem sempre novos modos de diálogo, colaboração e de partilha de experiências.

Mesmo tendo em conta a intervenção do Pe. Armando, em Abril último, em Collevaenza, que nos deu um forte abanão sobre como viver o nosso ministério específico na nossa realidade de baptizados e de membros do CVS, a assembleia nacional de Maio apontou também prioridades¹ que devem guiar o nosso caminho nestes anos futuros.

A Direcção Geral gasta tempo e recursos nesta direcção, lembro o encontro de formação de Collevaenza, em Abril, os fins-de-semana de formação para animadores dos sectores juvenis e psíquicos, os encontros de formação para chefes de grupo e este encontro de programação de início de ano pastoral; a nível diocesano não podemos ignorar estes encontros, mas devemos honrá-los participando e partilhando na diocese aquilo que ali aprendemos, mas a formação não pode esgotar-se participando nos encontros nacionais, é necessário que também a nível do Conselho diocesano venha percebida a importância de investir cada vez mais na formação dos inscritos e na informação/formação dirigida aos simpatizantes, através das sessões da Escola Associativa, nos seus dois percursos «Curso de base» e «Curso permanente», a qual deve ser pensada e realizada possivelmente a nível diocesano de modo a que possa participar o maior número de pessoas. É importante que os nossos inscritos conheçam bem o Fundador, a sua Espiritualidade, o seu Carisma, o Estatuto associativo, com a diversas almas que distinguem a nossa família (Voluntários do Sofrimento, Irmãos e Irmãs dos Doentes, Liga Sacerdotal Mariana e Irmãos e Irmãs Efectivos dos S.O.d.C) e todos os aspectos da vida associativa daquela que é a sua associação; é tarefa do Conselho diocesano indicar ao longo do ano momentos a dedicar à formação específica dos chefes de grupo.

Também os nossos Conselhos diocesanos e as nossas Assembleias regionais devem tornar-se lugares de formação específica para aqueles que são líderes e não lugares onde se decidem só algumas datas para os nossos encontros.

Os Exercícios Espirituais diocesanos devem representar um momento importante tanto para a oração e para a reflexão sobre o nosso ser CVS no nosso quotidiano, como também de formação e de programação da nossa acção uma vez regressados às nossas realidades locais; aqui, torna-se essencial, que por quanto possível, participem os membros do Conselho diocesano, para que depois de se ter visto o caminho que a Palavra de Deus traça na nossa vida, se possa traduzi-la bem na prática pondo as bases, mesmo, para a actividade diocesana.

É no ardente desejo de compreender cada vez mais em profundidade o Carisma que nos caracteriza e nos torna únicos na Igreja, que reside o desejo, que deve animar todos os membros do CVS, de aprofundar a nossa espiritualidade específica: os Sete Graus do Silêncio Interior, mas conhecê-la, aprofundá-la, vivê-la significa também difundi-la e fazê-la conhecer a quem está à volta.

Este é um ponto que deve estar sempre presente nas nossas programações, a qualquer nível, porque é no desejo ardente de responder às mensagens de Nossa Senhora em Lourdes e Fátima, que se sintetiza na Espiritualidade dos Sete Graus do Silêncio Interior que se radica a nossa ligação ao Centro Voluntários do Sofrimento e se irradia para o exterior o nosso “desejo” de fazer apostolado activo.

O Centro Voluntários do Sofrimento é sim uma associação de Apostolado, mas é na oração e na entrega total de nós mesmos a Jesus, por intermédio de Maria, que encontramos as raízes autênticas do nosso Carisma, que, porém, devemos constantemente descobrir e aprofundar.

Por isso, pode sem dúvida ser útil a peregrinação a Lourdes da Liga Sacerdotal Mariana, que este ano chegou à sua 54ª edição e que de há alguns anos está aberta também ao Centro Voluntários do Sofrimento. É um encontro importante que cada Conselho diocesano deve valorizar, porque é momento de união da nossa família, nas suas duas almas clérigos e leigos, é um mergulho nas nossas raízes. Lourdes, como Fátima, são o motivo pelo qual nós somos Voluntários do Sofrimento.

O Conselho diocesano é o guardião do Carisma na diocese, por isso é bom que no seu seio sejam representadas todas as figuras que compõem a nossa família, refiro-me, em particular modo a uma figura que se ocupe da LSM, além de animador diocesano de grupos (previsto pelo art. 19 do Estatuto tipo do CVS), como é possível que nasçam e se multipliquem os grupos se não existe o animador?

«O Grupo é para todos os inscritos no CVS, o principal elemento de encontro, de formação e de acção apostólica no âmbito da Igreja local»².

É assim que o CVS se apresentou ao Bispo pedindo para ser reconhecido e é assim que os nossos Bispos nos reconheceram, assim os Grupos de Vanguarda são o nosso ponto de força do nosso apostolado.

¹ Cfr. L’Ancora nº 6 Junho de 2005 pág. 10-15.

² Cfr. Primeira parte do art. 11 do Estatuto tipo do CVS

Não podemos aceitar que um Grupo diocesano do Centro Voluntários do Sofrimento não sinta a exigência de fazer apostolado com a metodologia do Grupo de Vanguarda, sob pena de transformação do CVS numa outra coisa que não é mais CVS.

O Grupo de Vanguarda é o lugar privilegiado no qual se realiza aquela *“presença que acompanha”* que é o sinal peculiar da nossa dinâmica pastoral, mas é também o lugar onde a acção apostólica se torna formação prática de apostolado e de vida.

Não podemos “ir vivendo” à margem, mas devemos lançar-nos à vida, tomar decisões claras, empenhar-nos, conforme quanto nos pede o nosso ser membros do CVS e a nossa responsabilidade associativa.

O Grupo de Vanguarda é o lugar que reúne todos, que tem presente as faixas de idade e de maturidade psíquica, é o nosso sinal distintivo, o nosso cartão de visita, que nos deve distinguir no plano paroquial e diocesano; mas é claro, o Conselho diocesano deve saber propor outras actividades, às pessoas que se encontram em particulares condições psíquicas ou de idade. O Conselho diocesano deve individualizar, para eles, também momentos formativos específicos para um caminho orientado que os ajude a valorizar melhor as suas potencialidades.

Nisto creio que encontrem as suas razões de existir as actividades dos sectores juvenis e do grupo activo.

Creio que sirva insistir, no que se refere aos sectores juvenis, ao grupo activo, que estes momentos formativos específicos não devem permanecer isolados mas inseridos num caminho de maior crescimento que passa através das actividades do Grupo de Vanguarda e a participação nas actividades diocesanas.

É mesmo na atenção que cada Conselho diocesano põe no que se refere ao nascimento e no cuidado com os sectores juvenis que se joga a própria continuidade do Carisma na nossa associação e na nossa diocese. Devemos ser testemunhas credíveis daquilo que pregamos, transmitindo o Carisma na sua totalidade e beleza, de modo que os nossos jovens dele se enamorem, não podemos diluí-lo por medo de não ser compreendidos ou considerados. Basta ao “Carisma de trazer por casa”... é necessário acolher o convite à Santidade que nos fez o Santo Padre e viver em Estado de Graça, para podermos verdadeiramente ser instrumentos nas mãos da Imaculada.

Creio que esta é também a via que a Igreja vai indicando, também com as Jornadas Mundiais da Juventude: permitir aos jovens uma experiência forte e madura de Deus, para depois tornarem ao quotidiano transformados para vencer as pequenas/grandes batalhas de cada dia. Os jovens sabem viver isto, sabem acolher o convite para viver a sua vida na Santidade de um grande Carisma, o nosso Carisma, que abraça a totalidade da existência, por isso não tenhamos temor em pedir-lhes coisas grandes, mas fixemos, com eles, o olhar em Cristo e todos juntos seremos fermento para a Igreja e para o Mundo.

Um outro aspecto a não desprezar, que se refere ao cuidado com a pessoa em todos os seus aspectos e refiro-me em modo especial à família do inscrito. Devemos conseguir ver a pessoa no seu contexto para poder valorizá-la melhor e responsabilizá-la, nisto a ajuda do Grupo de Vanguarda é fundamental, mesmo porque é um pequeno grupo no qual, as pessoas ao conhecer-se, se pode compreender e ajudar melhor mutuamente.

Hoje torna-se cada vez mais importante ter também um forte enraizamento no território para estarmos presentes em todas as situações possíveis, de modo a poder levar as nossas ideias, a nossa sensibilidade, mesmo lá onde se pode incidir sobre a realidade, nas instituições a todos os níveis, tanto religiosas como institucionais.

Sem dúvida, é um aspecto muito delicado enquanto nos vê empenhados num campo que poderia fazer-nos perder de vista os elementos peculiares do CVS a favor de elementos “excelentemente materiais”; mas creio que seja um aspecto essencial se queremos verdadeiramente apontar para a *«promoção integral da pessoa que sofre»*.

É importante, seja porque na linha do pensamento do nosso Padre Fundador, como porque o CVS, especialmente nos últimos anos, em tantas dioceses, sentiu a exigência de constituir-se também civilmente, para continuar e aprofundar a reflexão no que se refere à problemática de carácter social.

É necessário fazer amadurecer, nos inscritos, um forte sentido de pertença, que deve concretizar-se também, sobretudo no que se refere àqueles que têm responsabilidades de guiar, na participação no apostolado activo através da inserção no próprio grupo de Vanguarda.

Também neste campo, creio que seja importante formar líderes que se saibam desvencilhar nos meandros das normas, sem perder de vista os aspectos essenciais da espiritualidade do CVS.

Os jornais diocesanos e os regionais, as folhas de ligação são importantes, mas creio que, mesmo se com altos e baixos, foi importante a experiência amadurecida, desde 2001, com a rubrica “Nós CVS” de L’Ancora; esta importância deriva do juntar, pôr em comum e partilhar as experiências e as iniciativas locais e regionais.

Não deve tratar-se de uma mera actividade de recolha de artigos, para encher páginas de L’Ancora, mas esta experiência deve crescer e ser muito mais cuidada e valorizada sobretudo pelas singulares realidades diocesanas e regionais, de modo que se torne verdadeiramente a “voz do CVS”. É também este um modo para manifestar a nossa ligação e de nos sentirmos parte de uma grande família.

Devemos ser muito mais responsáveis pelo Carisma que Mons. Novarese nos transmitiu e que nos distingue na Igreja e em especial modo agora que está oficialmente constituída a Confederação Internacional do CVS e por isso somos chamados a actuar também no plano internacional.

A Assembleia nacional de Maio último aprovou a constituição de uma “Equipa de Direcção Nacional” no que se refere ao Centro Voluntários do Sofrimento em Itália, que valorize também as figuras expressas no Estatuto tipo do Centro Voluntários do Sofrimento, aprovado em 1998, no que se refere, também, à presença de um sacerdote da Liga Sacerdotal Mariana³ e de um membro dos Irmãos Efectivos dos SOdC⁴.

A responsabilidade, internamente, será subdividida, principalmente, segundo os sectores; assim fazem parte desta equipa, além do Delegado nacional, que a nomeia⁵, preside e coordena: um Secretário, um Colaborador por cada Sector, um Colaborador para as Actividades Sociais, um Colaborador para a rubrica “Nós CVS” e Imprensa e eventualmente qualquer outro Colaborador se necessário.

Tenho a certeza que trabalhar com uma equipa tão alargada, com este tipo de estrutura, além de permitir, sem dúvida, a valorização das potencialidades individuais dos seus membros, permitirá também organizar melhor a actividade de formação e de apostolado, e contemporaneamente permitirá estar sempre mais presente a nível central, colaborando mais com os organismos da Confederação e dos SOdC (imagino uma colaboração, imediata, com a Coordenação dos SOdC para os Sectores Juvenis), e também a nível regional e diocesano, através de uma actividade cada vês mais especializada, que porém abraçaria todas as actividades associativas. Espero que os membros desta equipa se tornem depressa figuras familiares a todos, de modo que possamos colaborar cada vez melhor e mais proficuamente na difusão do Carisma nas nossas realidades.

Ainda nem todos os nossos centros diocesanos formalizaram o seu pedido de adesão à Confederação internacional CVS. Lembro que a adesão é um acto formal que exige só uma decisão por parte do Conselho diocesano e não de Assembleia, por quanto completa quanto é exigido no Estatuto tipo do CVS. É obrigatório aderir à Confederação, se queremos fazer parte da família do Centro Voluntários do Sofrimento e se queremos fazer viver o sonho de Mons. Novarese nas nossas realidades.

Tudo aquilo que disse até agora é um programa árduo, mas creio que seja realizável, não importa se somos jovens ou idosos... está ao nosso alcance... é necessário porém, ter no coração, sentir o desejo forte, o ardor, de ir ao encontro do próximo, não para levar as nossas ideias ou o nosso saber falar, mas para levar Cristo que é a única esperança do mundo e que estende constantemente a mão e nos convida a ir até Ele: “*Vinde!*”.

Devemos tornarmo-nos, para os nossos irmãos, uma seta que aponta para a Cruz que salva. Confieemos em Maria, no seu Coração Imaculado, lembrando-nos que nela temos uma aliada poderosa que nos leva e nos ajuda a levar os nossos irmãos a Cristo.

Obrigado, bom trabalho e bom Apostolado a todos!

³ Cfr. art. 12 do Estatuto tipo do CVS

⁴ Cfr. art. 13 do Estatuto tipo do CVS

⁵ Cfr. ponto nº 8 do Regulamento dos Delegados regionais e do Delegado nacional, segundo o texto aprovado no encontro de Delegados regionais de Itália em Frascati (RM) de 24 a 26 de Março de 2000 e integrado na Assembleia nacional de Delegados de Itália realizada em Collevalenza (PG) de 9 a 11 de Março de 2001